

## RESENHA

SMITH, Christopher. *The Etruscans: a very short introduction*. Oxford, Great Britain: Oxford University Press, 2014. ISBN 978-0-19-954791-3. (SVI Series #389).

Márlcio Aguiar<sup>1</sup>

A coleção *A Very Short Introduction (VSI Series)* da OUP é bastante conhecida entre os estudantes de Humanidades (ainda que não se limite a eles): o catálogo é vasto e costuma comportar mais de uma dezena de publicações por ano, entre títulos de história, ciências sociais e literatura. O seu objetivo é o de oferecer introduções concisas, mas não superficiais, de temas e discussões centrais em um determinado tópico, recorrendo, na maioria das vezes, a especialistas e estudiosos que devotam certa centralidade ao tema em questão (e, por isso, nomes importantes de filósofos, classicistas e historiadores como Peter Singer, Quentin Skinner, Mary Beard, David Gwynn, Julia Annas, Paul Cartledge e Christopher Kelly figuram na lista da série VSI da OUP<sup>2</sup>).

Os méritos e os limites dos livros da série VSI geralmente coincidem: são livros voltados para a introdução do estado de coisas de um determinado assunto, apontando ainda para os possíveis desenvolvimentos da área de pesquisa e as recentes publicações acadêmicas e científicas. Os livros possuem também uma marca na sua linguagem, voltada não apenas aos estudantes que estão ingressando nas faculdades, mas ao público curioso em geral. Se tais introduções podem, legitimamente, ser opostas a trabalhos acadêmicos de maior vulto – por vezes, dos mesmos autores que as escrevem – ou ter sua utilidade limitada aos especialistas, seu maior valor se revela, pelo menos ao público brasileiro, na inserção e atualização de temas que, entre nós, não costumam receber grandes atenções.

É nesse sentido, levando em conta a especificidade do tema e a dificuldade de sua inserção na historiografia em *terrae brasilis*, que devemos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria, Filosofia e História do Direito pelo PPGD/UFSC. Bacharel em direito pela UFSC. Graduando em história (bacharelado/licenciatura) pela UDESC. Pesquisador do Grupo de Pesquisas em Latim e Fontes de Direito Romano: *Ius Dicere* (CNPq/UFSC).

<sup>2</sup> Ainda que de modo não sistemático, algumas obras da série VSI foram vertidas para o vernáculo. Podemos citar como exemplos a introdução *Machiavelli* (OUP, 2000) de Quentin Skinner (*Maquiavel*, L&PM, 2010); *Plato* (OUP, 2003) de Julia Annas (*Platão*, L&PM, 2012); e a introdução *The Cold War* (OUP, 2003) de Robert J. McMahon (*Guerra Fria*, L&PM, 2012).

considerar o lançamento recente de *The Etruscans* (OUP, 2014) do professor Christopher John Smith. O autor atualmente dirige a *British School at Rome* e leciona história antiga na Universidade de St. Andrews. Smith é um pesquisador ativo no que se refere à história do mundo romano e da historiografia antiga: foi um dos contribuidores e membros do comitê editorial da recente coleção editada por T. J. Cornell (*The Fragments of Roman Historians*, 3 vol., 2013, OUP<sup>3</sup>) e autor de obras importantes da área, das quais destacamos *The Roman Clan: the gens from ancient ideology to modern anthropology* (Cambridge University Press, 2006)<sup>4</sup>. O pequeno livro tem sua serventia reforçada diante de um tema relativamente inóspito ou – como Smith faz questão de desmistificar – “misterioso” até mesmo entre os pesquisadores da história do mediterrâneo antigo.

O livro é organizado em doze capítulos, e iremos brevemente nomeá-los – em tradução livre, com maior preocupação dirigida à temática do capítulo do que a nomenclatura original em si – por entendermos ser útil à compreensão da abordagem de Smith: (1) As origens dos etruscos; (2) a linguagem etrusca; (3) Rumo à “cidade-estado” etrusca; (4) a revolução de Villanova; (5) a transformação da Etrúria; (6) a arte e as pinturas tumulares etrusca; (7) Império, crise e respostas 600-500 a.C.; (8) a religião etrusca; (9) a conquista romana; (10) vestimentas e corpos etruscos; (11) epílogo imperial; (12) etruscologia: suas origens e desenvolvimento. O livro conta ainda com algumas ilustrações, tabelas e mapas (estes últimos particularmente úteis por darem destaque à malha de cidades etruscas antes das conquistas romanas). Notadamente, a abordagem é muito mais temática do que tão somente cronológica, particularmente naqueles campos em que os vestígios materiais foram mais duradouros e numerosos (o que explica a numerosa produção a respeito das cerâmicas, artes e tumbas etruscas se comparadas, por exemplo, com sua cultura política e suas questões sociais).

---

<sup>3</sup> Christopher Smith foi responsável, nessa obra, pela introdução e tradução de vários autores e seus textos fragmentários de história, dos quais destacamos Cornelius Sulla, Rutilius Rufus e Cornelius Balbus.

<sup>4</sup> Ao leitor interessado, maiores detalhes das publicações e áreas de atuação de Christopher Smith – inclusive seu correio eletrônico – podem ser acessadas em sua página na Universidade de St. Andrews. Disponível em: < <http://www.st-andrews.ac.uk/classics/staff/cjs6/> >. Acesso: 04/04/2015. Além disso, o primeiro capítulo de *The Etruscans*, “As origens dos etruscos”, está disponível gratuitamente no site da coleção da OUP, a qual também remetemos o interessado. Disponível em: < <http://www.veryshortintroductions.com/> >. Acesso: 04/04/2015.

Segundo Smith, é plenamente possível investigar e contar a história dos povos etruscos; investigando um panorama que se inicia no fim da Idade do Bronze até o período da dominação romana, os aspectos da organização social e política, o desenvolvimento urbano e econômico e a cultura etrusca são explicados pelas fontes remanescentes e em suas conexões com o restante do mundo mediterrânico. A ausência de uma tradição ou historiografia literária dos próprios etruscos colaborou para que, por muito tempo, as considerações acadêmicas a seu respeito não passassem de meras citações do que escreveram muito posteriormente historiadores como Dionísio de Halicarnasso ou Tito Lívio. Com a ajuda da arqueologia e de uma nova sensibilidade aos vestígios da cultura material nas últimas décadas, Smith introduz os aspectos cotidianos das populações etruscas de cidades como Tarquínia, Veios e Volterra, não se limitando apenas ao que às fontes romanas têm a dizer sobre o assunto.

Claramente, o professor Smith quer se distanciar de uma abordagem meramente “curiosa” ou antiquária a respeito dos etruscos<sup>5</sup>: as descobertas arqueológicas são realmente utilizadas para ir além da história da arte e das representações culturais dos etruscos, buscando adentrar nos aspectos econômicos e sociais de suas principais cidades – e, principalmente, tentar entendê-los e situá-los, a despeito das dificuldades, em seus próprios termos. No capítulo cinco, dedicado à “transformação da Etrúria”, por exemplo, o autor destaca a densidade das interações e trocas comerciais travadas com os assentamentos e colônias fenícias e gregas, e o modo como as diversas culturas foram recebidas – não de modo passivo – nas manifestações e orientações culturais das famílias aristocráticas, afastando uma tese historiográfica mais antiga da absorção passiva de uma cultura grega mais “civilizada” pelos povos etruscos, meros “imitadores” de sua arte, epigrafia ou arquitetura<sup>6</sup>. A abordagem metodológica de Smith, ainda que dita de modos simples e com poucos adornos teóricos, busca identificar os etruscos dentro de um mosaico

---

<sup>5</sup> Smith é mais conciso em nomear a historiografia mais “antiga” do que em nomear obras recentes. Aponta, contudo, ao menos duas obras que se encaixam nesta concepção: *Tour to the Sepulchres of Etruria* (1839), de Hamilton Gray, e *Cities and Cemeteries of Etruria*, de George Dennis.

<sup>6</sup> Um exemplo dessa tese historiográfica “clássica” por um autor contemporâneo é a obra *The First Western Greeks* (Cambridge, 1992) de D. Ridgway, ao que Smith contrapõe à obra de Corinna Riva, *The Urbanisation of Etruria: Funerary Practices and Social Change: 700-600 BC* (Cambridge, 2010) e à coletânea de artigos de Corinna Riva e Nicholas C. Vella, *Debating Orientalization: multidisciplinary approaches to process of change in the Ancient Mediterranean* (London, 2006).

mais rico e complexo da península itálica pré-romana (e mesmo pré-grega), em escala local e comercial.

Maria Cristina Biella, em resenha a outra obra dedicada aos etruscos<sup>7</sup>, faz alusão a esta introdução aos etruscos de Christopher Smith como parte de um “interesse renovado” pelos etruscos, motivado em grande parte pelo desenvolvimento de novas áreas científicas de pesquisa, como a bioquímica arqueológica e a aplicação das análises de DNA aos vestígios materiais. As contribuições mais recentes nos estudos etruscos tendem a enfatizar, justamente por conta disso, não apenas uma catalogação enfadonha ou meramente descritiva da cultura material, mas como, a partir dela, seria possível contar o itinerário da história etrusca desde os primeiros assentamentos na península itálica e como, nesse trajeto, podem ser consideradas de modo mais complexo as relações entre os etruscos e seus vizinhos e contatos comerciais. Uma das contribuições mais interessantes do livro, nesse sentido, está no último capítulo, no qual Smith delinea o desenvolvimento da etruscologia e da persistente fascinação – especialmente entre os italianos – por seus “mistérios” desde as principais escavações e sítios arqueológicos montados a partir do século XIX. Em um apêndice, nas últimas páginas do livro, Smith comenta a bibliografia e a literatura contemporâneas a respeito da história etruscas e de tópicos específicos da etruscologia contemporânea.

É possível apontar que, somado aos limites de uma introdução aos moldes da série VSI, Smith tem dificuldade em criar um panorama ou quadro orgânico no desenvolvimento de seu livro. Apesar das incessantes advertências do autor para as especificidades de uma história efetivamente *etrusca* (e não, como já se disse, meramente àquela contada do ponto de vista das fontes greco-romanas), a própria organização do livro revela o caráter ainda fragmentário e incerto do que sabemos sobre as populações da antiga Etrúria. A passagem de alguns capítulos – por exemplo, do período da revolução de Villanova até a redução das atividades dos maiores centros etruscos e cidades-estados nos séculos V e IV a.C. – ocorre por vezes de modo forçado e difícil, no

---

<sup>7</sup> A autora resenha outra obra recente, a coletânea *The Etruscan World*, editada por Jean MacIntosh Turfa (2013, Routledge). BIELLA, Maria Cristina. <http://bmc.brynmawr.edu/2014/2014-07-07.html>.

que se pode apontar os espaços ainda incertos e vazios a respeito do que seria a civilização antiga etrusca.

Enfatizamos, no entanto, que o objetivo de Smith não é o de oferecer um manual exaustivo da história etrusca, mas o de apontar de modo claro, breve e sucinto o que as atuais pesquisas e trabalhos acadêmicos têm apontado a respeito do tema, e indicar ao leitor o que tem sido produzido a respeito dos principais tópicos que circundam a etruscologia. Se, apesar do esforço, Smith não consegue afastar de todo a pecha de “misteriosos” dos etruscos – conduzindo o leitor, por vezes, para becos sem saída e ainda longe de serem resolvidos pelas pesquisas –, isso não significa, contudo, que a obra perca em sua intenção original de oferecer um compêndio sintético e informativo. Os etruscos podem ainda parecer, ao final da breve leitura, um ponto fora da curva do que tradicionalmente é abordado na história antiga ocidental: e essa talvez seja a principal razão para devotar mais atenção e sensibilidade às vozes aparentemente caladas da história etrusca.

## **Bibliografia**

BIELLA, Maria Cristina. “Review: Jean MacIntosh Turfa (ed.), *The Etruscan World*. Routledge *worlds*. London; New York: Routledge, 2013. Pp. xviii, 1167. ISBN 9780203526965”. **Bryn Mawr Classical Review (BMCR)**, 2014.07.07. Disponível em: < <http://bmcr.brynmawr.edu/2014/2014-07-07.html> >. Acesso: 04/04/2015.

SMITH, Christopher. **The Etruscans**: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2014.